

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



 **Atena**
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-292-0

DOI 10.22533/at.ed.920192604

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 307

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os textos são um convite a leitura e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, particulares e públicas, federais e estaduais, distribuídas entre vários estados, democratizando o acesso a estes importantes resultados de pesquisas.

Os artigos foram organizados nos 5 volumes que compõe esta coleção, que tem como objetivo apresentar resultados de pesquisas que envolvam a investigação científica na área das Ciências Sociais Aplicadas, sobretudo, que envolvam particularmente pesquisas em Administração e Urbanismo, Ciências Contábeis, Ciência da Informação, Direito, Planejamento Rural e Urbano e Serviço Social.

Este 1º volume reúne um total de 28 artigos que dialogam com o leitor sobre importantes temas que envolvem a violência sexual, de gênero e contra a mulher, transexualidade, sexualidade no ambiente escolar e no trabalho, racismo, diversidade de gênero, atuação profissional feminina, direito, educação, prática de esporte e da arte, sempre com temas relativos a mulher, sexualidade e gênero.

Assim fechamos este 1º volume do livro “A produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas” e esperamos poder contribuir com o campo acadêmico e científico, trabalhando sempre para a disseminação do conhecimento científico.

Boa leitura!

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A APLICAÇÃO DA LEI MARIA DA PENHA AOS CASOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER TRANSEXUAL: INSTRUMENTO DE DIGNIDADE E JUSTIÇA SOCIAL	
André Luis Penha Corrêa Lucas Lopes Grischke	
DOI 10.22533/at.ed.9201926041	
CAPÍTULO 2	7
A DUALIDADE ENTRE O <i>SER MULHER</i> E O <i>SER POLICIAL</i> : DISCUSSÕES ACERCA DO ENCONTRO “CHÁ DE ROSAS”	
Daniela Cecilia Grisoski Eneida Silveira Santiago	
DOI 10.22533/at.ed.9201926042	
CAPÍTULO 3	18
A EXPERIÊNCIA DO PROJETO ESTAÇÃO CASA DA REDE MARISTA DE SOLIDARIEDADE COM MULHERES ENCARCERADAS NA PENITENCIÁRIA ESTADUAL DE PIRAQUARA, EM CURITIBA-PARANÁ	
Gabriela Daniel de Campos Francieli do Rocio de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.9201926043	
CAPÍTULO 4	28
A MULHER REPRESENTADA PELA IGREJA PRESBITERIANA NOS ANOS 70: A REVISTA ALVORADA E A IMAGEM FEMININA	
Daniela Emilena santiago Dias de Oliveira Ricardo Gião Bortolotti	
DOI 10.22533/at.ed.9201926044	
CAPÍTULO 5	38
A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	
Nathaly Cristina Fernandes Carolina dos Santos Jesuino da Natividade	
DOI 10.22533/at.ed.9201926045	
CAPÍTULO 6	47
A SEXUALIDADE INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA COM GESTORAS DE ENSINO	
Camila Campos Vizzotto Alduino Marcia Cristina Argenti Perez	
DOI 10.22533/at.ed.9201926046	
CAPÍTULO 7	62
ATUAÇÃO DA MULHER NA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO PARANÁ: HISTORICIDADE, AVANÇOS E DIFICULDADES	
Adriana Cristina Dias Lopes Allan Jones Miranda de Souza Claudia Ramos de Souza Bonfim	
DOI 10.22533/at.ed.9201926047	

CAPÍTULO 8	74
BRANQUITUDE E DECOLONIALIDADE ACADÊMICA	
Ana Tereza da Silva Nunes	
Jair da Costa Junior	
DOI 10.22533/at.ed.9201926048	
CAPÍTULO 9	85
DIVERSIDADE E GÊNERO A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE UMA METODOLOGIA ATIVA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO	
Daniela Copetti Santos	
Luciane Carvalho Oleques	
Juliane Oberoffer Santos da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.9201926049	
CAPÍTULO 10	90
DO PRIVADO AO PÚBLICO: IDENTIDADES FEMININAS CATÓLICAS NA CONTEMPORANEIDADE E SEUS SENTIDOS	
Joyce Aparecida Pires	
DOI 10.22533/at.ed.92019260410	
CAPÍTULO 11	104
ECONOMIA SOLIDÁRIA: COOPERAÇÃO E AUTOGESTÃO PARA A COLETA DE RESÍDUOS RECICLÁVEIS	
Gisele Quinallia	
Juliene Maldonado Orosco de Andrade	
Edilene Mayumi Murashita Takenaka	
DOI 10.22533/at.ed.92019260411	
CAPÍTULO 12	113
EDUCAÇÃO SEXUAL: PROMOVEDO RESPEITO EM SALA DE AULA ATRAVÉS DE DINÂMICAS	
Nathália Hernandez Turke	
Felipe Tsuzuki	
Virginia Iara de Andrade Maistro	
DOI 10.22533/at.ed.92019260412	
CAPÍTULO 13	123
ENTRE ROMANCES E SEGREDOS, (HÁ) VIOLÊNCIA SEXUAL	
Paula Land Curi	
Nayalla Buarque	
Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins	
DOI 10.22533/at.ed.92019260413	
CAPÍTULO 14	129
ESPAÇO EMPRESARIAL E A RELAÇÃO ORGANIZACIONAL COM SUAS FUNCIONÁRIAS MULHERES	
Catharina Correa Polachini	
Keila Isabel Botan	
Andreza Marques de Castro Leão	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.92019260414	

CAPÍTULO 15	141
ESPAÇOS PÚBLICOS E DIVERSIDADE URBANA: A IMPORTÂNCIA DE SE PENSAR A CIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO	
Wellisson de Oliveira Camilo Jr	
DOI 10.22533/at.ed.92019260415	
CAPÍTULO 16	152
FRIDAS: UMA PROPOSTA DE GRUPO DE ESTUDOS SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR	
Vanessa Elias	
DOI 10.22533/at.ed.92019260416	
CAPÍTULO 17	166
FUTEBOL DE MULHERES E A EXPERIÊNCIA DE CAMPO	
Martina Gonçalves Burch Costa	
Giovanni Felipe Ernst Frizzo	
DOI 10.22533/at.ed.92019260417	
CAPÍTULO 18	173
INTERSECÇÕES ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA NAS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO DOCENTE E AS INFLUÊNCIAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	
Lilian Silva de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.92019260418	
CAPÍTULO 19	190
MEMÓRIAS DE UM RECITAL DE PIANO: REFLETINDO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE	
Giácomo de Carli da Silva	
Cristina Rolim Wolffenbüttel	
DOI 10.22533/at.ed.92019260419	
CAPÍTULO 20	197
NOTAS SOBRE A INCLUSÃO DE ATLETAS TRANSGÊNERO NO ESPORTE	
Fernanda Dias Coelho	
Ludmila Mourão	
DOI 10.22533/at.ed.92019260420	
CAPÍTULO 21	210
O PARADOXO DA INCLUSÃO: UM ENSAIO PÓS-ESTRUTURALISTA SOBRE OS DIREITOS SEXUAIS	
Andressa Regina Bissolotti dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92019260421	
CAPÍTULO 22	225
PARA ALÉM DO MATCH: TINDER NA PRODUÇÃO DISCURSIVA DE CORPOS	
Maria Cecilia Takayama Koerich	
DOI 10.22533/at.ed.92019260422	

CAPÍTULO 23	231
POR UMA TEORIA FEMINISTA DO PODER CONSTITUINTE: INSTITUIÇÕES, JUSTIÇA E REPRESENTAÇÃO POLÍTICA NA BANCADA FEMININA DA ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE DE 1987-1988	
Silvana Santos Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.92019260423	
CAPÍTULO 24	242
QUE SEXUALIDADE É ESSA? REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES AMOROSAS DE ADOLESCENTES VÍTIMAS DE INCESTO	
Aline Luiza de Carvalho Márcia Stengel	
DOI 10.22533/at.ed.92019260424	
CAPÍTULO 25	258
QUE VOZ É ESSA QUE FALA POR MIM? A LUTA DO INSTITUTO GELEDÉS POR DIGNIDADE, RECONHECIMENTO E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL	
Breenda Karolainy Penha Siqueira Jamilly Nicácio Nicolete	
DOI 10.22533/at.ed.92019260425	
CAPÍTULO 26	270
RELACIONAMENTOS AMOROSOS DE ADOLESCENTES E A INTERNET	
Márcia Stengel Nádia Laguárdia de Lima Jacqueline de Oliveira Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.92019260426	
CAPÍTULO 27	286
RESISTÊNCIA FRENTE À VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER: RELATO DA EXPERIÊNCIA COM A EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA “MULHERES EXTRAORDINÁRIAS - FRAGMENTOS DE LUTA E SUPERAÇÃO”	
Jéssica Aparecida Chaviuk Francisco Cíntia de Souza Batista Tortato	
DOI 10.22533/at.ed.92019260427	
CAPÍTULO 28	298
VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES: PERCEPÇÕES E RELATOS DE MULHERES PROFISSIONAIS DO SEXO EM ÁREA COSTEIRA DO NORTE DO BRASIL	
Brenda L. Assis Lisboa Walquirene Nunes Sales Driene N. Silva Sampaio Amanda C. Ribeiro Costa Gláucia C. Silva-Oliveira Aldemir B. Oliveira-Filho	
DOI 10.22533/at.ed.92019260428	
CAPÍTULO 29	310
ENTRE TREVAS E ARCO-ÍRIS: ORIENTAÇÃO SEXUAL E A “IDEOLOGIA DE GÊNERO”	
Marina de Almeida Borges Ana Cristina Nassif Soares	
DOI 10.22533/at.ed.92019260429	

CAPÍTULO 30 317

SUICÍDIO NO PÚBLICO DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (LGBT):
ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE 2013-2018

Ana Patrícia Fonseca Coelho Galvão

Pablo Nascimento Cruz

Fábio Batista Miranda

Jaíza Sousa Penha

Nayfrana Duarte de Sousa Oliveira

Fabrcio e Silva Ferreira

Wochimann de Melo Lima Pinto

Natalie Rosa Pires Neves

Nayra Michelle Anjos Amorim

Raylena Pereira Gomes

Rose Daiana Cunha dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.92019260430

SOBRE O ORGANIZADOR..... 333

ECONOMIA SOLIDÁRIA: COOPERAÇÃO E AUTOGESTÃO PARA A COLETA DE RESÍDUOS REICLÁVEIS

Gisele Quinallia

Universidade do Oeste Paulista, Faculdade de
Biomedicina

Presidente Prudente – São Paulo

Juliane Maldonado Orosco de Andrade

Universidade do Oeste Paulista – Mestrado em
Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional

Presidente Prudente – São Paulo

Edilene Mayumi Murashita Takenaka

Universidade do Oeste Paulista – Faculdade de
Administração

Presidente Prudente – São Paulo

RESUMO: A economia solidária tem apresentado crescente visibilidade econômica, social e política. Atualmente constata-se o crescimento de iniciativas de produção e prestação de serviços sociais e pessoais, organizados com base na livre associação e nos princípios de cooperação e autogestão. Um dos desafios é o baixo nível de qualificação profissional dos trabalhadores solidários e a inadequação das tecnologias tradicionais para a produção em pequena escala. O objetivo deste trabalho foi entender a economia solidária e sua relação com a coleta de resíduos recicláveis. A metodologia utilizada foi o levantamento de dados obtidos por meio de pesquisa bibliográfica que permitiu o contato com questões existentes e explorar

novos conhecimentos sobre o assunto tratado. O principal resultado dessa pesquisa foi a constatação de que a economia solidária atrelada a coleta de resíduos sólidos contribuem significativamente na criação de postos de trabalho, melhora na qualidade de vida e na preservação do meio ambiente. Dessa forma, espera-se que este estudo possa contribuir no despertar de reflexões sobre temas pertinentes à economia solidária, cooperativismo e reciclagem de resíduos sólidos urbanos, que foram levantados até aqui, assim como os que foram esquecidos ou omitidos também.

PALAVRAS-CHAVE: economia, solidária, coleta, resíduos, recicláveis.

ABSTRACT: The solidarity economy has gained increasing visibility economic, social and political. Currently notes the growth of production initiatives and provision of social and personal services, organized on the basis of free association and the principles of cooperation and self-management. One of the challenges is the low level of professional qualification of workers solidarity and the inadequacy of traditional technologies for small-scale production. The objective of this study was to understand the social economy and its relation to the collection of recyclable waste. The methodology used was the collection of data obtained by bibliographic research that allowed contact with issues

existing

and explore new knowledge about the subject discussed. The main result of this study was the finding that the solidary economy, linked to solid waste collection significantly contribute to the creation of jobs, improvement in quality of life and preservation of the environment. Thus, it is expected that this study may help in the wake of reflections on issues relevant to the social economy, cooperatives and recycling of municipal solid waste that have been raised so far, as well as those who have been forgotten or omitted as well.

KEYWORDS: economy, solidarity, collection, waste, recyclable

1 | INTRODUÇÃO

O Ministério do Trabalho e Emprego apresenta o termo “economia solidária” como uma maneira diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver, buscando o trabalho em conjunto para o benefício comum e ainda, sem agredir o meio ambiente.

A economia solidária compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais, dispostas, e configuradas como cooperativas, associações, clube de troca, empresas auto gerenciadas, rede de cooperação, entre outros, que realizam atividade de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2016).

Os movimentos sociais e as políticas públicas voltadas a esse modo alternativo de trabalho em prol da subsistência e melhoria da condição de vida de tais grupos tem apresentado crescimento nas últimas décadas.

Segundo Pitaguari (2010), os trabalhadores (homens e mulheres de diferentes faixas etárias e sociais) que aderem à economia solidária e se unem em redes e/ou cooperativas de produção e comercialização, tornam-se proprietários ou sócios dos negócios, ao invés de buscar emprego assalariado com a chamada carteira assinada em uma empresa privada.

A colaboração entre os operários admite ultrapassar as dificuldades presentes no trabalho autônomo individual, e dá a possibilidade dessas atividades sobreviverem frente a competição com as empresas que se utilizam da exploração do trabalho assalariado.

Singer (2002), afirma que a economia solidária pode ser uma forma de alcançar o sucesso para a sociedade visto que apresenta um mercado que se baseia na cooperação e não na competição entre produtores e o lucro é dividido entre os próprios geradores da riqueza.

O Brasil atual passa por problemas ligados a altos índices de desemprego somado a um persistente subemprego da força de trabalho, que não consegue ser absorvida pelo mercado de trabalho convencional.

Tal quadro reforça a necessidade de criação de mecanismos inovadores que

superem as estratégias de empreendimentos habituais e soma-se a uma outra grande preocupação do século XXI: a preservação ambiental.

O presente trabalho tem por objetivo definir a economia solidária e sua relação com a coleta de resíduos recicláveis.

Para tanto, a metodologia utilizada foi de revisão bibliográfica, com leitura, análise e interpretação de livros, periódicos e documentos sobre o tema.

De acordo com Ruiz (2002), “a pesquisa bibliográfica consiste no exame do manancial teórico, para levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado assunto que se tem como tema de pesquisa científica”.

Para Lakatos e Marconi (1991) referem-se às revisões bibliográficas como: “a citação das principais conclusões a que outros chegaram a permitir salientar a contribuição da pesquisa realizada, demonstrar contradições ou reafirmar comportamentos e atitudes”.

2 | ECONOMIA SOLIDÁRIA: ASPECTOS PRINCIPAIS

Considerada uma forma específica de organização de atividades econômicas, a economia solidária caracteriza-se pela autogestão e pela igualdade entre os membros, onde a natureza humana e a união predominam ante outras virtudes sem excluir o objetivo financeiro e a lucratividade.

De acordo com Santos e Borinelli (2010), as bases da economia solidária surgiram por volta do século XVIII com os ideais de Robert Owen e alcançaram o século XXI apresentando um modo de produção e distribuição alternativo ao capitalismo, criado e recriado periodicamente pelos que se encontram (ou temem) ficar marginalizados no mercado de trabalho.

Os trabalhadores partidários de Robert Owen abraçaram a autogestão e a democracia e isso vale para as cooperativas atuais (formas mais conhecidas de empreendimentos solidários).

Segundo dados da Aliança Cooperativa Internacional, um bilhão de pessoas no mundo participam de cooperativas (Colégio Passionista, 2016).

Nos dizeres de Paul Singer, a economia solidária:

(...) retoma a idéia de solidariedade no sistema produtivo em contraposição à ideia do individualismo competitivo característico das sociedades neo-liberais capitalistas.

(...) O conceito se refere à organização de produtores, prestadores de serviços, consumidores, poupadores, credores, entre outros, que se relacionam baseados nos princípios democráticos e igualitários da auto-gestão, promovendo a solidariedade e a justiça entre os membros da organização e todos os demais envolvidos no sistema produtivo. (SINGER, 2003, 116).

(...) “o movimento surgiu no Brasil inicialmente para combater a miséria e o desemprego gerados pela crise do petróleo na década de 1970, e se transformou em um modelo de desenvolvimento, que promove não só a

inclusão social, como pode se tornar uma alternativa ao individualismo competitivo das sociedades capitalistas.” (SINGER, 2003, 38).

A economia solidária vem sendo praticada em pelo menos 200 países, o Brasil é um exemplo de que a economia solidária é a aplicação do cooperativismo (Rede Brasil Atual, 2016).

Para Moraes (2013), no Brasil as políticas públicas de economia social e solidária ganharam espaço com a criação da Secretária Nacional de Economia Solidária (SENAES), em 2003, setor vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego no Governo Federal.

Desde então, a economia solidária tem ganho crescente visibilidade econômica, social e, atualmente, constata-se o crescimento de iniciativas de produção e prestação de serviços sociais e pessoais, organizados com base na livre associação e nos princípios de cooperação e autogestão (MORAIS, 2013).

Segundo Singer e Souza (2000, p. 13), a economia solidária ratifica um grupo de conceitos elencados a seguir:

- Posse coletiva dos meios de produção pelas pessoas que os usam para produzir;
- Gestão democrática da empresa ou por participação direta ou por representação dependendo do número de cooperados.
- Repartição da receita líquida entre os cooperados, conforme decisão em assembleia.
- Destinação do excedente anual (sobras) segundo critérios acertados entre todos.
- A cota básica do capital de cada cooperado não é remunerada.
- Somas adicionais emprestadas a cooperativa proporcionam a menor taxa de juros do mercado.

Tais conceitos garantem certa identidade ao termo economia solidaria, mesmo com múltiplas e variadas experiências e distinções em relação ao modelo econômico clássico.

2.1 Cooperativismo e Sustentabilidade

Desde fins da década de 1970, o Brasil tem apresentado oscilações econômicas, sociais e políticas em que vários postos de trabalho formal vêm sendo suprimidos.

Geralmente, a parcela da população que mais é afetada são aquelas em situação de precariedade econômica e social, que perderam seus empregos e encontram-se em situação de precariedade das condições de trabalho e renda.

Dessa forma, modelos considerados alternativos de organização do trabalho ganham relevância e dentre eles, sobressai o cooperativismo pautado na solidariedade entre indivíduos.

Nesse contexto, a economia solidária foi reinventada, sendo que atribuiu um

grande valor a democracia, igualdade dentro dos empreendimentos, insistência na autogestão e repúdio ao assalariamento (NASCIMENTO, 2004).

Assim, as chamadas cooperativas populares surgem com a proposta de inclusão social dos atores que foram excluídos do mercado de trabalho, e configuram um tipo de organização estratégica, condizente com as mudanças organizacionais no final do século XX e início do século XXI.

De acordo com a Aliança Cooperativa Internacional, considera-se uma cooperativa como uma associação autônoma de pessoas unidos de forma voluntária de acordo com seus anseios econômicos, sociais, culturais e suas aspirações através de uma empresa de propriedade conjunta e democraticamente controlada. As cooperativas podem ser rurais, de crédito, financeiras, artesãs ou de trabalho mas, sempre o que as move é o princípio da autonomia parcial dos seus participantes em benefício do todo.

Conforme Zylbersztajn (2002, p.03):

Na raiz da organização cooperativa está o fato de que o trabalhador é também proprietário dos recursos produtivos. Isto o induz a estruturar a sua atividade produtiva como um capitalista e, ao mesmo tempo, participar de uma sociedade gerida pelos princípios da cooperação, qualificada como cooperação benigna. Nos casos em que tem a gestão conduzida pelo próprio cooperado, a cooperativa perde algumas vantagens advindas da especialização.

Como o próprio termo sugere, o cooperativismo apresenta-se como um modelo sócio econômico que parte da cooperação entre pessoas que possuam objetivos em comum.

Neste contexto, o conceito de cooperativismo se aproxima da percepção sobre a sustentabilidade.

O termo sustentabilidade é formado pelo tripé socioeconômico e ambiental, ou seja, para ser um empreendimento sustentável precisa ser ecologicamente correto, economicamente viável, socialmente justo e culturalmente diverso.

Sustentabilidade é um termo usado para definir atos e práticas humanas que apontam prover as precisões momentâneas do indivíduo, sem comprometer o futuro das próximas proles, isto é, a sustentabilidade está diretamente ligada ao desenvolvimento econômico e material sem atacar o meio ambiente, aproveitando os recursos naturais de forma inteligente para que eles mantenham no futuro.

Segundo esses parâmetros a humanidade pode garantir o desenvolvimento sustentável pois, para Santos (2010), entre as ações relacionadas acrescenta-se: a concepção de atitudes pessoais e empresariais orientadas para a reciclagem de resíduos; a geração de renda; a diminuição de resíduos produzidos e a redução da retirada de recursos minerais do ambiente.

2.2 A Coleta de Resíduos Sólidos Recicláveis pelo Trabalho Cooperado

A Associação Brasileira de Normas Técnicas, através da NBR 10.004 (2004) define resíduos sólidos como: Resíduos nos estados sólidos e semissólido, que

resultam de atividades de origem industrial, doméstica, hospitalar, comercial, agrícola, de serviços e de varrição passíveis de serem reaproveitados de alguma maneira e assim voltando à cadeia produtiva.

Os materiais que participam amplamente da produção de embalagens, que é o principal indicador na participação dos materiais nos resíduos sólidos, são o aço, alumínio, papel/papelão, plástico e vidro.

Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 30% do alumínio consumido vai para a fabricação de embalagens, sendo que 55% destes correspondem as latas de alumínio. O consumo do aço no Brasil vem crescendo de forma significativa, porém corresponde apenas a 4% no setor de embalagens.

Ainda segundo o IPEA, o papel/papelão apresentam amplo valor no setor de embalagens e o que os diferencia dos outros resíduos é fato de grande parte dos seus produtos ter um ciclo de vida curto. Os resíduos de embalagens plásticas mostram-se bastante superior ao das embalagens de aço.

Cerca de 40% do consumo de vidro está voltado para as embalagens, porém sua participação na reciclagem possui particularidades devido as suas dificuldades técnicas e a possibilidade de sua reutilização (IPEA, 2016).

Os resíduos sólidos urbanos (RSU), correspondem aos resíduos domiciliares e de limpeza urbana e compreendem uma multiplicidade de pontos integrados, tais como a ação da logística reversa, da coleta seletiva, da ação dos catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis, da compostagem, da recuperação energética, dentre outras (IPEA, 2016).

Bartolomeu e Caixeta-Filho (2011) afirmam ser extremamente difícil estimar de forma precisa a quantidade de geração de resíduos sólidos, mas alguns índices do município analisado conseguem fornecer uma ideia aproximada dos resíduos gerados, como: o tamanho dos municípios em função da população; a atividade produtiva predominante; nível socioeconômico; sazonalidade da ocupação; existência de coleta seletiva e ações governamentais de incentivo a redução na geração de resíduos domiciliares.

Entretanto, pode-se frisar que a geração de resíduos sólidos aumenta ano a ano, variando de acordo com fatores diversos e tamanha escala contribui para originar e agravar vários problemas ambientais relacionados a inadequada disposição dos mesmos.

Uma maneira de amenizar os efeitos danosos do aumento da geração de resíduos sólidos e sua inadequada disposição final apresenta-se como a coleta de materiais passíveis de reutilização e reciclagem que, atendendo ao Plano Estadual de Resíduos Sólidos de 2012, passa a ser realizada por cooperativas de catadores de material reciclável nos municípios participantes das políticas públicas voltadas ao tema.

Sobre coleta satisfatória dos resíduos sólidos, de acordo com o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), esta tem sido o principal foco da gestão de resíduos sólidos nos últimos anos.

A percentagem de cobertura vem acendendo consecutivamente, já obtendo em 2009 quase 90% do total de domicílios, nas áreas urbanas a coleta supera o índice de 98%, todavia, as coletas em domicílios localizados em áreas rurais ainda não atingem 33%, conforme apresentado no gráfico 1 (CONAMA, 2016).

Segundo o CONAMA (2016), nos períodos de 2000 e 2008, a coleta seletiva de materiais recicláveis teve um acréscimo de 120% apontando municípios que expandem essas atividades, que chegaram a 994 (tabela 1), estando a maioria localizados na região sul e sudeste.

Unidade de análise	Municípios que realizam coleta seletiva	População urbana Número de habitantes	Papel 1 mil t/ ano	Plástico 1 mil t/ ano	Metais 1 mil t/ ano	Vidro 1 mil t/ ano
Brasil	994	77.708.739	285,7	170,3	72,3	50,9
Municípios pequenos	862	14.951.052	71,6	43,6	22,2	13,8
Municípios médios	120	31.308.914	166,6	92,4	36,9	23,7
Municípios grandes	12	31.448.773	47,6	34,3	13,2	13,3

Tabela 1: Estimativa de quantidade de material coletado

Fonte: Ministério das cidades (2010) e IBGE (2010).

Organizado pelas autoras.

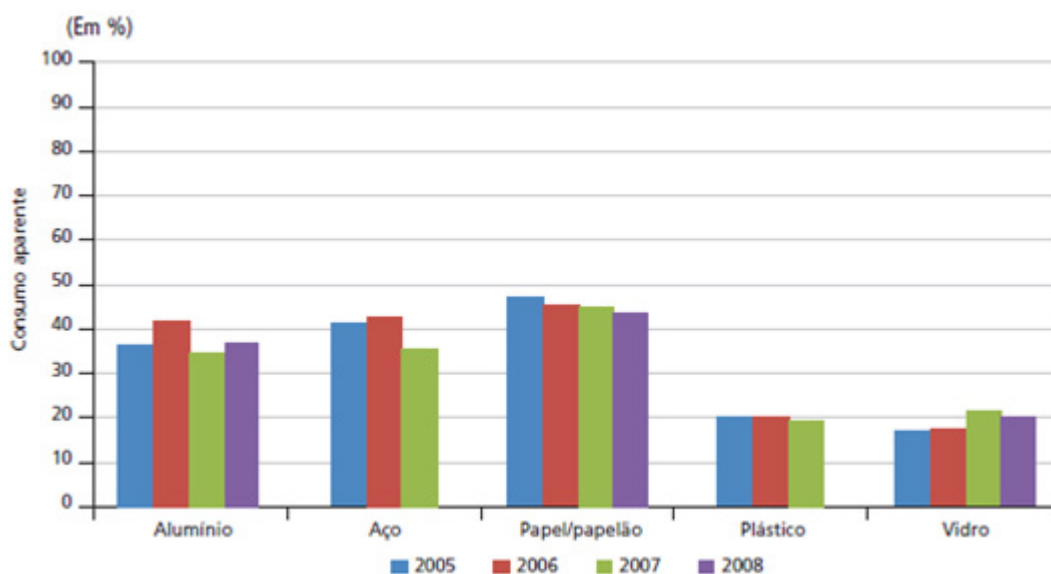


Gráfico 1: Taxas de Reciclagem

Fonte: Abal (2011), Datasus e Brasil (2010).

Conforme citado anteriormente, uma das estratégias adotada para diminuição da quantidade de resíduos gerados é a ideia do sistema de coleta seletiva. Grande parcela da coleta de materiais recicláveis é realizada por coletores de modo informal e estes são contabilizados nas estatísticas oficiais. Tal prática vem sendo adotada por quase todas as capitais e mais que o dobro dos municípios de médio porte, além das diferentes modalidades de coleta, é fundamental para o planejamento de políticas de estímulo à coleta seletiva, saber o custo de tais programas (CONAMA, 2016).

Para Bartolomeu e Caixeta-Filho (2011), o sistema de coleta seletiva apresenta como um dos seus objetivos sociais a inserção dos catadores da coleta informal na sociedade, visando à emancipação econômica dos mesmos e a ampliação de serviços, alcançando a desejada inclusão social e melhores condições de vida através da criação de cooperativas e associações.

A atuação dos trabalhadores em cooperativas de coleta de materiais recicláveis trazem benefícios que formam um tripé: na natureza; no aspecto econômico e no âmbito social.

Na natureza, reciclagem e reutilização colaboram com a redução de resíduos nos aterros e melhor aproveitamento de recursos produtivos.

No aspecto econômico, a reciclagem colabora para o costume coerente dos recursos naturais e a reposição de soluções que são passíveis de reaproveitamento.

No âmbito social, a reciclagem propicia melhor qualidade de vida através da preservação das condições ambientais, como providencia trabalho e geração de renda para pessoas direta e indiretamente envolvidas..

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A economia solidária tem por característica principal a democracia evidenciada pela autogestão encontrada nas cooperativas formadas por catadores de material reciclável.

A despeito de que, em sua grande maioria, a catação de materiais recicláveis seja composta por trabalho informal, o mesmo pode ser contabilizado em dados estatísticos.

Os resíduos passíveis de reciclagem e reaproveitamento coletados são recolhidos para um centro de coleta, classificados, limpos, reprocessados e dispostos para venda às indústrias do ramo.

Dessa forma a economia solidaria atrelada a coleta de resíduos sólidos a partir da formação de cooperativas contribuem significativamente na criação de postos de trabalho, melhora na qualidade de vida e na preservação do meio ambiente.

Compreender o sentido de cooperativismo, sustentabilidade, coleta de resíduos sólidos e reciclagem, e propiciou o entendimento de que existem grandes desafios e

que muito ainda precisa ser realizado.

REFERÊNCIAS

DIAGNÓSTICO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS. Disponível em: <www.ipea.gov.br> Acesso em: 25 mai/2016.

ECONOMIA SOLIDÁRIA ESPERA FORTALECIMENTO POR MEIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2014/12/economia-solidaria-espera-fortalecimento-por-meio-de-politicas-publicas-9222.html>> Acesso em: 25 mai/2016.

BARTOLOMEU, D. B.; CAIXEITA-FILHO, J. V. **Logística ambiental de resíduos sólidos.** São Paulo: Atlas, 2011.

GARCEZ, L.; GARCEZ, C. **Lixo, Coleção Planeta Saudável.** Callis Editora Ltda, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1991. 225 p.

MAZZETTO, T. S. C., RODRIGUES, M. C., MARGONATO, R., MAZZETTO, G. M. C. **A Economia Solidária na Perspectiva do Desenvolvimento Local.** In: Economia Solidária em Londrina: aspectos conceituais e a experiência institucional. Londrina: UEL, 2010.

MILANEZ, F. **Desenvolvimento Sustentável.** In: CATTANI, A. D. (org) A Outra Economia. Porto Alegre: Veraz, 2003.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO – M.T.E. **ECONOMIA SOLIDÁRIA. A economia solidária. O que é a economia solidária?** Disponível em: <[http:// portal.mte.gov.br/ecosolidaria](http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria)> Acesso em: 25 mai/2016.

MORAIS, L. P. **Economia Social e Solidária e Cooperação Sul-Sul e Triangular na América Latina e Caribe: Contribuições para o Desenvolvimento Inclusivo e Sustentável.** Campinas: UNICAMP, 2013.

NASCIMENTO, C. **A autogestão e o “Novo Cooperativismo”.** MTE – Secretaria Nacional de Economia Solidária. Brasília, 2004.

NISHIMURA, S. R., RIZZOTTI, M. L. A. **Grupos de Geração de Trabalho e Renda na Construção da Economia Solidária em Londrina.** In: Economia Solidária em Londrina: aspectos conceituais e a experiência institucional. Londrina: UEL, 2010.

PIERRE-LEROY, J. et al. **Tudo ao mesmo tempo agora. Desenvolvimento, sustentabilidade, democracia: o que isso tem a ver como você?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PITAGUARI, S. O., CÂMARA, M. R. G. **As Motivações e Desafios para a Consolidação da Economia Solidária.** In: Economia Solidária em Londrina: aspectos conceituais e a experiência institucional. Londrina: UEL, 2010.

Resolução do CONAMA No 275 de 25 de abril 2001. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res01/res27501.html>> Acesso em 01 jun/2016.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos.** 5ª edição, Ed. Atlas, 2002.

SANTOS, L. M. L., BORINELLI, B. **Economia Solidária: propostas e perspectivas.** In: **Economia Solidária em Londrina: aspectos conceituais e a experiência institucional.** Londrina: UEL, 2010.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-292-0

